

Dimensões holísticas-interdisciplinares do campo da gestão de unidades de informação

Sérgio Rodrigues Santana
sergiokafe@hotmail.com

Annebelle Pena Lima Magalhães Cruz
annebelle.cruz@gmail.com

Lília Mara Menezes
liliamaram@hotmail.com
Eliane Epifane Martins
jadyeliane@gmail.com

Recebido em: 06/11/2024
Aceito em: 16/01/2025

Resumo

A Gestão de unidades de informação é uma área composta por teorias, funções, técnicas e também por dimensões epistêmicas, e que se encontra em progresso. Desse modo, é imperativo debruçar-se sobre os estudos epistêmicos da Gestão de unidades de informação que possibilitam compreender sua evolução como área. Quais são as dimensões epistêmicas que compõem o campo da Gestão de unidades de informação? O artigo teve como objetivo descrever as dimensões epistêmicas do campo disciplinar da Gestão de unidades de informação frente ao seu progresso. A justificativa do estudo baseia-se na compreensão dos processos de evolução da Gestão de unidades de informação pouco explorado. Adotou-se a abordagem quanti-qualitativa como a maneira mais eficaz de verificar o progresso do campo. Adotou-se a hermenêutica epistêmica e ontológica do tipo documental como método através dos dois círculos hermenêuticos fechados e abertos. Infere-se que a Gestão de unidades de informação é constituída por dimensões holísticas-interdisciplinares que incluem: Gestão da informação, Gestão do conhecimento, Gestão de dados, Gestão de pessoas, Gestão de recursos, Gestão de tecnologias e materiais, Gestão de processos, *Design thinking*, Diagnóstico e planejamento e Gestão de projetos. Essas dimensões holísticas-interdisciplinares são recorrentes, mas não fixas, e representam apenas a atual configuração disciplinar do campo. Elas se movimentam como variáveis intervenientes, refletindo uma sobre as outras e contribuindo para o preenchimento de *gaps* argumentativos e práticos do campo.

Palavras-chave: gestão de unidades de informação. gestão. epistemologia. interdisciplinaridade. holístico.

*Holistic-interdisciplinary dimensions of the field of
information center management*

Abstract

The management of the information units' field is an area composed of theories, functions, techniques, and epistemic dimensions, and is in progress. Thus, it is imperative to discuss the epistemic studies of the management of information units that make it possible to understand their evolution as an area. What are the epistemic dimensions that comprise the management field of information units? This article aims to describe the epistemic dimensions of the disciplinary field of the Management of Information Units concerning their progress. The justification of the study is based on understanding the two processes of the evolution of the management of information units that have not been explored. We adopt a quantitative-qualitative approach as the most effective way to verify the progress of the field. We adopt epistemic and ontological hermeneutics of the documentary type as a method through two dated and open hermeneutical circles. It is inferred that the Management of information units' field is constituted by holistic-interdisciplinary dimensions that include the management of information, Management of knowledge, Management of data, Management of people, Management of resources, Management of technologies and materials, Management of processes, Design thinking, Diagnosis and planning, and Project management. These holistic-interdisciplinary dimensions are recurrent, but not fixed, and only represent the current disciplinary configuration of the field. They move as various interveners, reflecting on one another and contributing to filling argumentative and practical gaps in the field.

Keywords: management of information units. archival science. epistemology. interdisciplinary. holistic.

1 INTRODUÇÃO

Para García-Reyes (2007), a Gestão de unidades de informação é um conjunto de funções, técnicas e áreas integradas através de execução simultânea, em que equipes aplicam estas para garantir que a unidade de informação funcione e atinja os fins a que se destinam.

Assim, a Gestão de unidades de informação é um sistema, um fenômeno que aborda questões teórico-práticas visando à harmonia funcional e estrutural dessas instituições. De acordo com Duarte e Silva (2007), uma unidade de informação pode ser uma livraria, um sebo cultural, um arquivo, uma biblioteca ou até mesmo um museu, pois as *museália* também são itens informacionais.

Segundo Silva (2021), a Gestão de unidades de informação vem se expandindo como área de estudo e sua produção serve como indicador desse crescimento, um avanço que ocorre de maneira particular, como destaca Bachelard (1996), pois toda área do conhecimento evolui de forma singular.

Nesse viés, ao se aprofundar nos estudos sobre a Gestão de unidades de informação, é possível fornecer elementos que contribuam para compreender, aprimorar e impulsionar sua evolução, considerando a interseção de suas funções, técnicas, áreas e peculiaridades. A orientação pode ocorrer por meio de análises das partes constituintes da Gestão de unidades de informação, permitindo uma abordagem didática das dimensões, sem perder o fluxo holístico, pois é imperativo conhecer as partes para compreender o todo (Morin, 2005).

No sentido, quais são as dimensões epistêmicas que compõem o campo da Gestão de unidades de informação? O estudo artigo teve como objetivo descrever as áreas que compõem como dimensões epistêmicas do campo disciplinar da Gestão de unidades de informação frente ao seu progresso como campo de conhecimento.

A justificativa do estudo baseia-se na compreensão dos processos de evolução da Gestão de unidades de informação, pouco explorada, pois em toda área do conhecimento, é

fundamental questionar as estruturas estabelecidas (Bachelard, 1996), em que o questionamento se caracteriza um vetor epistêmico.

2 TEORIA DOS PAPÉIS GERENCIAIS E DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

Ao abordar a Gestão de unidades de informação, é importante compreender sua fundamentação, o que envolve, entre outros aspectos, a comparação com a administração, frequentemente considerada como sinônimo.

Na perspectiva da Administração clássica de Fayol, compreende-se a ‘administração’ como planejar, controlar e dirigir os recursos humanos, materiais e financeiros para a consecução de objetivos organizacionais de forma técnica.

E, segundo Silva (2021), o termo ‘gestão’ constitui lançar mão de todas as funções técnicas, contábeis, financeiras, comerciais, segurança e conhecimentos tácito e explícito, e como auxílio dos sujeitos colaboradores, para alcançar os objetivos de uma instituição de forma eficiente e eficaz (Dias, 2002).

Nesse sentido, as atividades de um gestor transcendem as atribuições de um administrador, pois os gestores são ‘os sujeitos’ designados como responsáveis por outras atividades gerenciais não sistemáticas e desempenham outros papéis (Mintzberg, 1973), especialmente, quando a instituição é pública, no contexto cultural tecnológica é desafiador, especialmente com os processos de produção de serviços e produtos tradicionais (clássicos), como é o caso daqueles promovidos por bibliotecas, arquivos e museus.

A preocupação com os estudos das funções gerenciais remonta ao início do século XX, e atualmente os estudiosos têm se procurado em definir o trabalho do administrador por funções gerenciais e escolas. Em 1916, o Henri Fayol identificou cinco funções gerenciais básicas: planejamento, organização, coordenação, direção e controle, e dessa abordagem, que virou derivou outras abordagens de estudos.

Quanto às escolas Mintzberg (1973) classificou em oito: do grande homem; da teoria das decisões; da eficiência do líder; do poder do líder; do comportamento do líder; da atividade de trabalho e do empreendedor.

Foca-se a última como pertinente, pois ela é: “[...] a busca da melhor alternativa num ambiente de dimensões muito limitadas e altamente especificadas [...]” Deste modo, o administrador tem pouca importância para o economista. É o fundador-empresendedor que lhe interessa[...]’ (Mintzberg, 1973, p. 40).

Além da tipologia de unidades de informação, a pertinência também ocorre por forças relacionadas à Administração pública, a Plataformização e o Empreendedorismo informacional, pois esses refletem em pontos como: a escassez financeira; novo modelo de trabalho; processos, serviços e produtos e inovação sem custos, ou pelo menos com custo baixo.

O que se diz acerca da Administração pública, refere-se ao conjunto de entidades que compõem o Estado, voltadas para a prestação de produtos e serviços públicos ao cidadão e à coletividade (Brasil, 2019, p. 100).

Esses serviços e produtos incluem aqueles oferecidos por bibliotecas, arquivos e museus, podendo ainda abranger alguns fatores, como: aumentar o valor para cidadãos-usuários mediante produtos e serviços públicos melhores e inovadores; aumentar a eficiência no uso dos recursos públicos; melhorar a efetividade social das políticas públicas e programas; contribuir para a legalidade, impessoalidade, publicidade, moralidade na administração pública e contribuir para o desenvolvimento brasileiro em todos os eixos temáticos como resultado da aprendizagem e da inovação (Brasil, 2014).

Entretanto, sabe-se que a Administração pública, muitas vezes, precisa lidar com a escassez, e até mesmo a falta total de recursos, o que dificulta a prestação de produtos e serviços públicos de forma digna.

Quanto à Plataformização, se compreende como a penetração nos processos econômicos e estruturas governamentais e individuais em diferentes setores e esferas da vida nos

ecossistemas da Web e de aplicativos (Nieborg; Poell, 2020). Deste modo, envolve fenômenos como dataficação, a monetização interação e processos algoritmos e estes refletem na dinâmica dos serviços, na tipologia e natureza dos produtos, no acesso virtual e remoto dos itens informacionais, nas exposições, e sobretudo, o fazer do profissional inseridos nas bibliotecas, arquivos e museus.

Quanto ao Empreendedorismo informacional, é um novo conceito de potencial investigativo na Ciência da Informação, que destaca a informação como um mecanismo gerador de conhecimento e inovação, mesmo em contextos de escassez financeira e outros processos de estagnação em unidades de informação (Damian; Santos; Ottonicar, 2020).

Neste sentido, o Empreendedorismo informacional é um comportamento informacional voltado para a inovação, que não se restringe à criação de novos mecanismos para gerenciar a informação no ambiente organizacional, mas envolve a necessidade de inovar também nos produtos, processos e etapas da gestão clássicos e/ou tradicionais. Afinal, apenas reconhecer a importância da informação e de seu gerenciamento não é suficiente; é preciso aplicá-los de forma eficaz (Damian; Santos; Ottonicar, 2020).

Na atualidade, essas forças irão refletir sobre os papéis gerenciais dos gestores em bibliotecas, arquivos e museus, como ele vai agir.

A partir de observação de Mintzberg (1973) identificou 10 papéis gerenciais, subdivididos em três grupos: papéis interpessoais: uma imagem do chefe, dois líderes e três contatos; papéis informacionais: quatro monitores, cinco disseminadores e seis porta-voz; papéis decisórios: sete empreendedores, oito manipuladores de distúrbios, nove alocadores de recursos e dez negociadores.

Nos papéis interpessoais, versa sobre o *status* da autoridade que naturalmente são intrínsecas aos cargos, e pertencem basicamente ao desenvolvimento de relações interpessoais (Mintzberg, 1973).

O Representante da organização/imagem do chefe, e com este papel, o gestor cumpre uma agenda de atividades de caráter legal, social, motivadora e cerimonial, em vistas do fato que sua própria figura/imagem simboliza ‘responsabilidade’ com a unidade de informação.

Basicamente a maioria dessas atividades são triviais, porém importantes (Dias, 1985; Mintzberg, 1973), pois implicam nos relacionamentos interpessoais frente ao *Marketing* e *Endomarketing*, mas nenhuma implica diretamente no processamento de informação ou tomada de decisão, porém politicamente imprime respeito.

Quanto ao Líder, alude aos relacionamentos e interações, versa sobre às ações, pois para Chiavenato (2011, p. 5-6): ‘[...] a maneira de liderar, de motivar, de comunicar e de levar as coisas para a frente. Envolve o [...] espírito empreendedor, o inconformismo com os problemas atuais e [...]’. Portanto, o gestor deve influenciar os comportamentos dos colaboradores, de sua equipe (Mintzberg, 1973), de tal modo o que empreendedorismo efetivado.

Mas, nessa dimensão, incluem as responsabilidades, como seleção, treinamento, capacitação e acompanhamento, de acordo com os modelos da gestão da informação, conhecimento como também e dados, além da capacidade de motivar, promover e exonerar pessoal, segundo os moldes da gestão de pessoas.

O contato, versa sobre o relacionamento do gestor administrador com numerosos grupos, sujeitos e perfis fora de sua unidade de informação (Dias, 1985; Mintzberg, 1973), pois essa ação visa manter esses relacionamentos que são fontes importantes de informação e de favores, como uma rede social de contatos como elemento do empreendedorismo.

Quanto aos papéis informacionais, eles fazem referência ao recebimento e disseminação de informação. O aspecto de relacionamento interpessoal é apenas incidental à maioria dessas atividades; a informação é simplesmente deslocada ou processada nesta etapa, que não envolve qualquer atividade significativa de tomada de decisão (Mintzberg, 1973).

O Monitor, com este papel, o gestor consecutivamente busca e é bombardeado com informações que o capacita para entendimento do que acontece em sua unidade de informação, e precisamente no setor em que estas se inserem (Dias, 1985; Mintzberg, 1973).

No papel de Disseminador, para Mintzberg (1973) como disseminador, o gestor passa informação externa para seus colaboradores, bem como informação produzida pelos colaboradores para outros. Esses pacotes de informações são fatuais, e precisam ser interpretadas, pois podem ser opiniões pessoais e equivocadas, de tal modo que a Gestão da informação e o conhecimento emergem e se intersecciona como estratégia nessa habilidade de gestor nos moldes da gestão de informação, conhecimento como também e dados.

Quanto ao *status* de porta-voz, neste lugar o papel do gestor está em nome de sua unidade/organização. Consiste basicamente na disseminação da informação para sujeitos de fora sobre os planos, políticas, ações e resultados da unidade de informação (Dias, 1985; Mintzberg, 1973), da Gestão da informação, do conhecimento como também e na Gestão de dados.

Nos papéis decisórios, estes se relacionam com a tarefa de tomada de decisões importantes (Dias, 1985; Mintzberg, 1973). No Empreendedor, neste papel, o gestor introduz e planeja grande parte das mudanças controladas que ocorrem em sua unidade de informação (Mintzberg, 1973).

Quanto à noção de Manipulador de distúrbios, nesta o gestor lida com mudanças involuntárias e pressões sofridas pela sua unidade de informação (Dias, 1985; Mintzberg, 1973), gestão de projetos e diagnóstico e planejamento.

No Alocador de recursos, o gestor faz opções e toma decisões referentes à alocação dos recursos organizacionais significativos. Estas tais decisões, abarcam a aprovação de projetos, orçamentos e agendas financeiras, os fluxos do tempo e atribuições dos sujeitos colaboradores (Mintzberg, 1973), gestão e processos das equipes, como na gestão de seu próprio tempo.

E por fim, o negociador, o gestor representa sua unidade de informação em negociações não rotineiras, as negociações de vendas (Dias, 1985; Mintzberg, 1973), Gestão de recursos financeiro, ou contratos de serviço gestão de projetos, acordos trabalhistas, e outros acordos.

3 METODOLOGIA

O estudo adotou uma abordagem quanti-qualitativa, pois, ao investigar um campo de conhecimento, os dados teóricos e numéricos podem destacar de maneira mais eficaz os avanços e as tendências desse campo.

Quanto aos dados qualitativos, o estudo abordou as construções subjetivas dos 'conteúdos dos documentos', permitindo uma compreensão da área Gestão de unidades de informação como realidade investigada.

Os dados qualitativos concentram-se, também, nas descrições detalhadas, especialmente das manifestações presentes nos 'conteúdos dos documentos', pois nas pesquisas qualitativas as hipóteses não são testadas, mas podem ser formuladas ou aprimoradas ao longo do processo investigativo (Frainer, 2020; Collado; Lucio; Sampieri, 2013).

Por sua vez, no fluxo quantitativo, adota-se uma abordagem avaliativa do conhecimento investigado através da frequência dos 'conteúdos dos documentos'. Nesse contexto, o pesquisador coleta dados numéricos que explicam as frequências dos fatores analisados.

Na presente pesquisa, se visualizou a frequência das dimensões epistêmicas mencionadas na documentação, que inclui as estruturas das grades curriculares e nas ementas de disciplinas de cursos de graduação e pós-graduação e referencial teórico da Gestão de unidades de informação.

Neste sentido, a busca quantitativa ocorreu frente aos fluxos dos padrões dos conjuntos de processos sequenciais, comprobatório, através de um padrão previsível e estruturado e com os conhecimentos antecipados das disposições críticas a serem adotadas pelo pesquisador (Frainer, 2020).

Ou seja, um padrão previsível reflete o valor institucionalizado pela maioria das autoridades que citam ou incluem as dimensões epistêmicas das estruturas das grades curriculares, nas ementas das disciplinas de cursos de graduação e pós-graduação, e no referencial teórico.

Assim, a interseção destas duas abordagens implica em uma terceira, a abordagem mista quanti-qualitativa, adotada nesta pesquisa. Clark e Creswell (2013) esse enfoque como uma terceira possibilidade, muito comum para avaliar uma área e/ou áreas temáticas em expansão.

Nela o pesquisador combina as duas vertentes de dados respectivamente de modo serial, fazendo um construir o outro ou incorporando um no outro, e nele 'estrutura [...] procedimentos de acordo com visões de mundo filosóficas e lentes teóricas (Clark; Creswell, 2013, p. 22).

Adotou a hermenêutica de tipo documental como método (Balleste; Mallol, 2022), pois se analisou um *corpus* através da perspectiva epistemológica e ontológica (Almeida, 2022).

A hermenêutica de natureza ontológica remete à interpretação de uma realidade, em que a documentação analisada, assim composta pelas grades curriculares e ementas de disciplinas e cursos de instituições (públicas e privadas) representaram a Gestão de unidades de informação como realidade, contexto real e seu cotidiano.

Enquanto a hermenêutica de natureza epistemológica remete à interpretação de textos, conceitos e linguagens que compõem os discursos teóricos-epistêmicos, que incluem nesta pesquisa artigos, livros e comunicações, ou seja, a produção científica da área em foco.

Adotaram-se os dois círculos hermenêuticos como ferramentas metodológicas para uma inferência mais precisa. O círculo hermenêutico fechado/circularidade se refere ao tempo e à energia estagnados, sendo o espaço de consolidação das ideias da aquilo que já foi realizado na Gestão de unidades de informação.

Por sua vez, o círculo hermenêutico aberto/espiralidade trata da ascensão do tempo e da energia voltados à fertilização das ideias, refletindo o processo de construção de novos conhecimentos a partir do que já foi feito. Portanto, a circularidade e espiralidade têm potencial de alterações com o passar do tempo e com outros e novos olhares (Lendimuth, 2022).

Os círculos hermenêuticos foram aplicados por meio de protocolos como: 'pré-compreensão', 'reconhecimento de preconceitos', 'fusão de horizontes e contextos', 'escuta da literatura científica', 'aplicação de sentido' e 'interrogação'. O primeiro protocolo, a pré-compreensão, abordou a preparação da pesquisa, incluindo a busca, organização, seleção, aquisição e leitura preliminar da documentação que constitui o *corpus* da investigação.

Neste ponto antecede a análise e a compreensão, preservando, no entanto, o sentido funcional do conceito e a estrutura formal do círculo hermenêutico (Almeida, 2022). Neste protocolo, a vertente descritiva predomina, referindo-se à definição densa e detalhada dos fenômenos em seu contexto natural de investigação (Masini, 2004).

No 'reconhecimento dos preconceitos' tratou-se da contextualização dos recursos e de seus autores, estabelecendo um compromisso entre o objeto e o sujeito da investigação, ne caso o pesquisador. Neste contexto, o preconceito não deve ser entendido no sentido vulgar e pejorativo, mas como reflexo das naturais pressuposições (Almeida, 2022).

O ponto da 'fusão de horizontes e contextos' configura-se como o protocolo responsável pela realização da leitura dos documentos e pelo cruzamento dos dados pelos pesquisadores, resultando em uma nova busca ou na interpretação da literatura (Almeida, 2022).

Neste protocolo, a dimensão interpretativa é central, pois reflete a ação do pesquisador ao transitar da simples mensuração para a compreensão aprofundada da realidade investigada (Masini, 2004; Melo; Santana; Souza, 2021).

Na 'extração da literatura científica' que ocorre a remoção dos significados, as ideias-chave e as problemáticas, e se avalia as práticas e detecta-se as lacunas. Neste ponto a compreensão interpretativa também é supra delimitado (Almeida, 2022; Masini, 2004).

Na 'aplicação de sentido' é o resultado das etapas anteriores, acontece a construção efetiva dos conhecimentos novos, e neste protocolo o sentido poderá ser afirmativo

(concordância e reforço) ou negativo (discordância e oposição), e isso pode se refletir tanto em uma revisão de literatura com valor próprio quanto em um produto de caráter mais prático (Almeida, 2022).

O protocolo intitulado ‘interrogação’ refere-se às reflexões e aos questionamentos sobre a validade da própria construção. Esta última etapa corresponde à verificação ou avaliação do trabalho realizado, conforme a modalidade definida pelo investigador.

Pode ser compreendida não apenas como uma explicação sobre a importância do objeto de estudo, mas também como um desafio ao conhecimento alcançado, reforçando sua compreensão e solidificando-o como um marco teórico para o futuro (Almeida, 2022; Santana; Souza; Melo, 2021). Na ‘aplicação de sentido’ e no protocolo ‘interrogação’ a dimensão compreensiva ocorre, pois ela se refere ao pesquisador enquanto sujeito compreensivo livre e orientado por meio da reflexão ponderada (Ferreira; Mendes Júnior, 2010; Masini, 2004; Santana; Souza; Melo, 2021).

Adotou-se a interdisciplinaridade como inclinação epistêmica, como adoção do protocolo ‘comunicação e a linguagem’, que equaliza a comunicação e terminologias de diversas áreas como Administração e Ciência da informação e outras áreas.

E adotou-se também o protocolo ‘Ciência e Epistemologia’, uma vez que estes estudos versa sobre os aspectos epistemológicos da Gestão de unidades de informação.

Neste sentido, esse protocolo refletiu sobre os limites, alcances, problemáticas, desafios, métodos, das técnicas e das tecnologias epistêmicas na aparelhagem dos objetos científicos interdisciplinares (Santana; Souza; Melo, 2021; Teixeira, 2004) como o foco para a Gestão de unidades de informação quanto a ‘harmonia funcional e estrutural’.

4 ANÁLISES E DISCUSSÃO

Como evidenciado no Quadro 1, que representa o *corpus* da pesquisa, os critérios de seleção dos documentos basearam-se em dois aspectos principais: os teóricos-epistêmicos, que abordam conceitos, teorias, reflexões, provocações e críticas, ou seja, as ações subjetivas; e os práticos-epistêmicos, que englobam aplicações, práticas e modelos e as ações objetivas.

Este arranjo documental inclui um total de 11 documentos, distribuídos da seguinte forma: cinco grades curriculares de cursos de pós-graduação (GCPós), duas ementas de disciplinas de cursos de graduação (EG), três livros teóricos (L) e um artigo (A).

Quadro 1 – Corpus

Documentos	GCPos	EG	L	A
SPUDEIT, D. <i>Gestão de unidades de informação</i> . FEBAB, São Paulo, 2024. Disponível em: http://repositorio.febab.org.br/items/show/1534 . Acesso em: 13 jan. 2024.			X	
SILVA, E. M. <i>Gestão de unidades de informação na atualidade</i> . Recife: Ed. UFPE, 2021. Disponível em: https://editora.ufpe.br/books/catalog/book/737 . Acesso em: 13 jan. 2024.			X	
DUARTE, E. N. ; SILVA, A. K. A. <i>Gestão de unidades de informação: teoria e prática</i> . João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2007.			X	
MACED, S. M. S. M. S. M. S. ; ORTEG, C. D. O. C. D. Unidades de informação: termos e características para uma diversidade de ambientes de informação. <i>Em Questão</i> , Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 326-347, maio/ago. 2019. Disponível em: https://cip.brapci.inf.br/download/113857 . Acesso em: 13 jan. 2024.				X
Pós-graduação em GESTÃO DE ACERVOS E UNIDADES DE INFORMAÇÃO Disponível em: https://www.unit.br/hubfs/a-web-mkt/arquivos/pe/cursos/pos/gestao-de-acervos-e-unidades-de-informacao.pdf . Acesso em: 13 jan. 2024.	X			
Especialização em Inovação em Unidades de Informação Disponível em: https://iti.ufscar.mba/itiui . Acesso em: 13 jan. 2024.	X			
GESTÃO DE UNIDADES DE INFORMAÇÃO-TGI 031 – Curso de e Biblioteconomia da UFMG. Disponível em: http://colgradmusco.eci.ufmg.br/documentos/ementas-programas-disciplinas/gestao-de-unidades-de-informacao-tgi-031/view . Acesso em: 13 jan. 2024.		X		
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO DE UNIDADES DE INFORMAÇÃO. Disponível em: https://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/108/relatorio_final_ppginf.pdf . Acesso em: 13 jan. 2024.	X			
Grade curricular – Eixos temáticos do curso de graduação em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da UFRJ. Disponível em: https://depbiblio.face.ufrj.br/grade-curricular/ . Acesso em: 13 jan. 2024.		X		
GESTÃO DE UNIDADES DE INFORMAÇÃO-TGI 031 – Curso de especialização da UFPB - 2005. Pós-graduação em GESTÃO DE ACERVOS E UNIDADES DE INFORMAÇÃO Disponível em: https://www.unit.br/pos/humanas/gestao-de-acervos-e-unidades-de-informacao-pe . Acesso em: 13 jan. 2024.	X			
GESTÃO DE UNIDADES DE INFORMAÇÃO – linha e pesquisa do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO Da ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES - ECADisponível em: https://www.eca.usp.br/pos/programa-de-pos-graduacao-sm-ciencia-da-informacao . Acesso em: 13 jan. 2024.	X			

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Neste sentido, a natureza quantitativa do *corpus* focou na frequência dos conteúdos dos documentos, assim foram identificadas 10 dimensões, conforme ilustrado na Figura 1.

Esse conjunto incluem-se a Gestão da informação; Gestão do conhecimento; Gestão de dados; Gestão de pessoas; Gestão de recursos; Gestão de tecnologias e materiais; Gestão de processos; *Design thinking*; Diagnóstico e planejamento e a Gestão de projetos.

Figura 1 – Campo holístico-interdisciplinar da Gestão de unidades de informação



Fonte: Elaborado pelos Autores (2024).

Desse modo, antes de iniciar as discussões, é fundamental compreender que o conjunto de dimensões epistêmicas que compõem a Gestão de unidades de informação e apresentado na Figura 1, não representam verdades absolutas ou estruturas fixas.

A configuração atual é marcada por forças de pressão oriundas do campo político, tecnológico, cultural e da inovação, e relacionadas à Administração pública, à Plataformização e ao Empreendedorismo informacional.

A Gestão da informação (Figura 1, esfera cinza) trata dos fluxos formais, armazenamento, acesso e uso da informação e especialmente das tecnologias de informação e comunicação (TIC) que visam facilitar e agilizar as necessidades institucionais, com reflexos nas demandas individuais. A Gestão da informação surgiu na segunda metade do século XX, como objetivo de auxiliar as organizações frente às problemáticas e suas sobrevivências (Nonato, 2022).

Ela utiliza a ciência, fontes e sistemas de informação confiáveis para promover a inovação e impulsionar o alargamento do conhecimento (Carvalho, 2012). Isso ocorre, uma vez que ela aborda os fluxos formais de conhecimento, implicando que o conhecimento é gerado é explícito, e, portanto, enfoca o sujeito explícito, em parceria como o sujeito informacional que operar através da consciência e senciência, vigilância intelectual, crítica e científica (Targino *et al.*, 2019).

De tal modo, os conteúdos dos fluxos são explícitos, formalizados, codificados e/ou simbolizados, ou ainda organizados cognitivamente. De acordo com a definição mencionada, quando se fala em modelos de Gestão da informação, o binômio 'tecnologia e informação' constitui sua base, mas a esse fato se agregam também a busca, o acesso, o conhecimento, os dados, os sistemas e os profissionais capacitados.

A Gestão do conhecimento (Figura 1, esfera verde escuro) lida com os fluxos informais de informação, focando nos recursos intelectuais, ou seja, no conhecimento dos colaboradores. Ela se concentra nas estratégias para extrair valor desses recursos, sendo o compartilhamento deles uma prática que facilita e agiliza as necessidades institucionais em um primeiro momento (Nonaka; Takeuchi, 1997).

Assim, há uma necessidade de explicitar o que é tácito, logo, a Gestão do conhecimento trabalha como o sujeito tácito, que para Targino *et al.* (2019) é aquele que não consegue formalizar, comunicar ou compartilhar saberes por vários motivos. Ele detém conhecimento, mas esse é basicamente introspectivo, e precisa de estratégias para formaliza-los, e essa é uma das questões bases da Gestão do conhecimento.

A Gestão de dados (Figura 1, esfera verde) aparece nas análises com menor frequência, pois está sendo incorporada recentemente. A necessidade de incluir essa dimensão surge da atuação dos gestores de unidades de informação no manejo dos pacotes de dados (Silva, 2021).

Portanto, o objetivo da Gestão de dados nas unidades de informação é oferecer suporte ao gestor no processo de tomada de decisão, uma vez que, frequentemente, esse profissional se concentra nas necessidades informacionais dos usuários, esquecendo que, no contexto da gestão de uma unidade de informação, ele também precisa desenvolver a Gestão dos dados para embasar suas decisões.

Outro ponto importante referente à Gestão de dados nas unidades de informação está relacionado à Plataformização (Nieborg; Poell, 2020), especialmente à dataficação aplicada tanto aos trabalhos quanto aos serviços, produtos e fluxos de entrada e saída das unidades de informação.

A Gestão de pessoas (Figura 1, esfera azul), que é um papel crucial na obtenção de vantagem competitiva para a organização, se torna cada vez mais relevante nas mudanças organizacionais (Henriques *et al.*, 2012).

Schuler (1992) e Chiavenato (2014) determinam a Gestão de pessoas como um conjunto de ações e políticas voltadas para a administração do capital humano, com o objetivo de atrair, selecionar e reter as pessoas certas, ou seja, as melhores pessoas colaboradoras para as posições e atividades adequadas na organização.

Assim, a comunicação, o desenho das tarefas e a cultura organizacional são focados no objetivo de alcançar alta performance das pessoas colaboradores, garantindo, de tal modo, que tanto a sua satisfação e desenvolvimento profissional quanto o sucesso da organização.

Na Gestão de recursos (Figura 1, esfera roxo), trata da agenda financeira, Lucion (2005, p.144) “[...] relativo às finanças, à circulação e gestão do dinheiro e a outros recursos [...]”, fato que ocorre tanto quando há recursos disponíveis e quando são limitados, como no caso das unidades de informação, como arquivos, bibliotecas e museus. Trata-se de um setor importante para que as unidades de informação sobressaiam as oscilações e operem com dignidade para superar desafios e promover produtos e serviços usuários e processos.

Nesse sentido, ela é um conjunto de ações que tem o objetivo de promover o equilíbrio entre as receitas, custos e despesas para direcionar as decisões e contribuir para o crescimento da harmonia funcional e estrutural das unidades de informação, especialmente na decisão de capacitação e insumos financeiros em consonância aos regimentos das unidades de informação, por projetos e aplicação de empreendedorismo como estratégia.

Na Gestão de tecnologia e materiais (Figura 1, esfera rosa), aborda-se a tecnologia tanto como um artefato complexo quanto como um elemento simples. A tecnologia diz acerca de qualquer artefato contribui para a resolução de problemas das atividades cotidianas da Gestão de unidades de informação, como as TIC, eletrônicos, suportes informacionais, prateleiras, caixas, pastas, móveis, ferramentais, entre outras.

O papel principal da tecnologia da informação na Gestão de unidades de informação consiste em ampliar o alcance da harmonia funcional e estrutural, do mesmo modo modelando os aspectos humanos, as infraestruturas, fluxos informacionais, inclusive as dimensões teóricas nas suas respectivas práticas.

Na Gestão de processos (Figura 1, esfera vermelho), para Silva (2021) o ‘processo’ se refere a uma sequência de atividades com seus respectivos procedimentos e etapas imprescindíveis para concluir a produção de produtos e prestação de serviços.

Para Silva (2021) a Gestão de processos se caracteriza um conjunto de tarefas e atividades interligadas que transformam entradas de insumos em saídas de processos, produtos e serviços (Garvin, 1998; Silva, 2021).

A Gestão de processos ajuda no planejamento, uma vez que o gestor sabe com antecedência a capacidade das equipes, como tempo disponível para execução de novas tarefas, artifícios necessários para executar, espaço e tecnologias disponíveis.

O *Design thinking* (Figura 1, esfera laranja), é uma disciplina como uma abordagem de inovação de produtos, serviços ou processos centrados no sujeito e predominantemente uma ferramenta de gestão, utiliza técnicas que os *designers* usam para resolver problemas antigos de uma forma inovadora (Ramirez; Zaninelli, 2017).

Nesse sentido, visualiza abordagem estratégia no processo de inovação nos serviços informacionais, é necessário para analisar comportamento dos sujeitos, versando sobre às questões como estéticas, arquiteturas, comunicação, *marketing*, empreendedorismo.

Na Gestão de diagnóstico e planejamento (Figura 1, esfera amarela), para Motta e Vasconcelos (2002), o diagnóstico é um dimensionamento que se faz sobre o estado atual de uma organização, pois faz uma ressonância da situação atual dela (Mattos, 2019), revelando a situação para definido o objeto do planejamento, suas metas e objetivos. Ou seja, no diagnóstico trata-se de um conjunto de ações e análises que podem auxiliar os gestores na avaliação da organização.

Deste modo, é a primeira etapa de qualquer metodologia de planejamento, esse sendo ato ou efeito de criar planos e estratégias para otimizar a alcance de objetivos determinados.

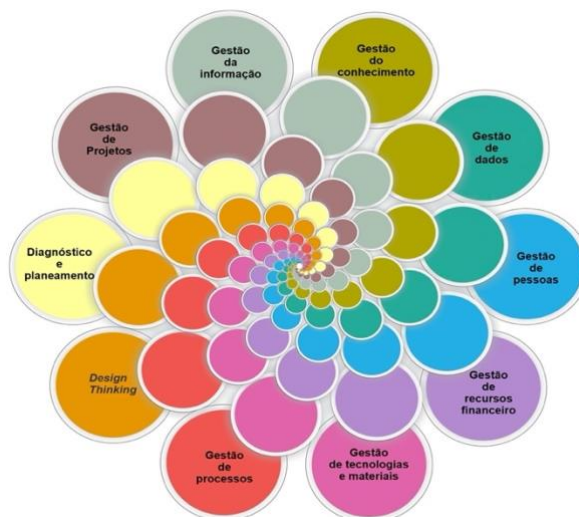
A Gestão de projetos (Figura 1, esfera marrom), é um conjunto de ferramentas gerenciais que permite uma instituição desenvolva e alargue uma cadeia de habilidades, conhecimentos, como também das capacidades individuais com alvo o controle de eventos não repetitivos, únicos e complexos em um contexto temporal, como do custo e qualidades pré-determinadas (Ferenhof; Spudeit, 2017; Silva, 2021).

Há cinco pontos na Gestão de projetos: a iniciação do projeto; planejamento do projeto; execução do projeto; monitoramento e controle do projeto; e encerramento do projeto.

A metodologia de Gestão de projetos se caracteriza como um padrão relacionado à implantação, desenvolvimento e uso dos projetos para atingir as metas de uma instituição, e se baseia em três pilares: os processos: o passo a passo da tarefa a ser efetuada; as ferramentas de suporte: a exemplo dos *softwares* e os padrões: compostos por relatórios, formulários e controles (Ferenhof; Spudeit, 2017; Silva, 2021).

Assim, observando as dimensões citadas e discutidas no Ideograma 1, percebe-se que se distingue como um fluxo holístico e interdisciplinar da Gestão de unidades de informação.

Figura 2 – Fluxo holístico-interdisciplinar da Gestão de unidades de informação



Fonte: Elaborado pelos Autores (2024).

A partir das análises, infere-se que a Gestão de unidades de informação envolve o paradigma holístico-interdisciplinar, que não anula as especialidades, mas as integra, [...] mas também não as dicotomiza, não elimina a existência das disciplinas, mas possibilita uma amplificação destas, pois uma aprende com a outra, sem deixar de ser cada uma [...] (Sarmiento, 2021, p. 10).

A abordagem holística-interdisciplinar da Gestão de unidades de informação emerge, pois, a área observa e analisa as partes para compreender o todo, ou seja, a ‘harmonia funcional e estrutural’ das unidades de informação. Ao entender o todo, volta-se para as partes, considerando as áreas, teorias e metodologias que compõem cada dimensão.

Na inclinação holística, assim como o olhar na lógica fragmentada todas as partes estão interconectadas e se influenciam mutuamente como variáveis intervenientes em um fluxo totalizante como evidencia o Figura 2, assim cada dimensão se agrega às outras no movimento espiral.

Isso também significa que, ao focar uma dimensão em relação a uma problemática interna ou externa, simples ou complexa, tangível ou intangível, da unidade de informação, as outras dimensões são mobilizadas conforme necessário.

Ao focar nas teorias, metodologias e outros que compõem cada dimensão, infere-se a interdisciplinaridade, um fenômeno pouco explorado no campo da Gestão de unidades de informação.

Porém, Fazioli (2017), Feldman, Silveira e Spudeit (2017) acreditam no valor da interdisciplinaridade para o profissional da informação, e atualmente é imprescindível para que o gestor de unidades de informação tenha cada vez senciência dela para agregar novas competências de sua área profissional, e para que se: ‘[...] desenvolva competências gerenciais,

garantindo a sustentabilidade desses importantes espaços de acesso aos diferentes recursos informacionais, insumos necessários à promoção da inovação [...]’ (Silveira; Feldman; Spudeit, 2017, s/p).

A análise do material frente ao cruzamento da interdisciplinaridade como liga epistêmica do campo da Gestão de unidades de informação permitiu inferir algumas naturezas de interdisciplinaridade, como auxiliar, unificadora, estrutural e interdisciplinaridade complementar.

Na interdisciplinaridade auxiliar, ocorre quando uma disciplina recorre ao emprego de metodologias de pesquisa próprias ou originais de outras áreas (Carlos, 2007). Ou seja, a Gestão de unidades de informação toma de empréstimo métodos, como procedimentos de outras disciplinas de forma recorrente.

Na Interdisciplinaridade unificadora, infere-se que ela decorre de uma coerência bastante estreita dos domínios de estudo das disciplinas, havendo certa integração de seus níveis de integração teórica e dos métodos correspondentes (Carlos, 2007), como a área de Gestão e Administração. De tal modo, existe uma autêntica integração de duas ou mais disciplinas, resultado da construção tanto de um marco teórico comum (Carlos, 2007), como de Gestão de unidades de informação.

Aponta-se também a interdisciplinaridade complementar, essa natureza ocorre quando se produz uma sobreposição do trabalho entre especialidades que coincidem em um mesmo objeto de estudo (Carlos, 2007), que nesse caso é ‘harmonia funcional e estrutural’.

E, a interdisciplinaridade estrutural que versa sobre às interações entre duas ou mais disciplinas que levam à criação de um corpo de leis novas que formam a estrutura básica de uma disciplina original e uma nova disciplina (Carlos, 2007), como Gestão de unidades de informação que não pode ser diminuída à coordenação formal de suas disciplinas bases e geradoras.

Quadro 2 – Arquitetura holística-interdisciplinar da Gestão de unidades de informação

Dimensões	Focos
Gestão da informação	Informação Fluxos formais de informação Sujeitos explícito/ Sujeitos informacional Sistemas de informação TICs Pacotes infracionais Coleta, organização, armazenamento, recuperação, Disseminação, acesso Aplicação
Gestão do conhecimento	Conhecimento Fluxos informais de informação Sujeito tácito Acomodação, assimilação, apropriação, instanciação e uso Interação e socialização Sistemas de informação
Gestão de dados	TIC Curadoria digital Plataformização Dataficação Estratégias de migração Fluxos de bits Metadados de preservação Digitalização e escaneamento Sistemas de informação
Gestão de pessoas	Qualificação Habilidades, talentos Performance Cargos Promoção Atendimento aos usuários
Gestão de recursos	Escassez Pregão Licitação Mitigação
Gestão de tecnologias e materiais	TICs Artefatos Móveis Ferramentas Eletrônicas Instalações elétricas Suportes informacionais
Gestão de processos	Entrada de insumos Saídas de produtos Catalogação, indexação, representação
Design Thinking	Arquiteturas e estéticas Marketing e derivações Empreendedorismo e derivações Co-criação Inovação Criatividade
Diagnóstico e planejamento	Gestão de risco Preservação Conservação Restauração Segurança Planejamento estratégico, tático e operacional Prognósticos
Gestão de Projetos	Ferramentas Habilidades Capacidades individuais Conhecimentos Iniciação do projeto; planejamento do projeto; execução do projeto; monitoramento e controle do projeto; e encerramento do projeto. Criação de instrumentos Visão, missão, objetivos e metas Metodologias, ferramentas

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Se compreender nesta pesquisa arquitetura holística-interdisciplinar da Gestão de unidades de informação, como uma forma didática de visualizar as intersecções das áreas, ainda que, destacando as partes e micros partes como mostra o quadro 2, e como elas se conectam e se afetam mutuamente como fenômeno holístico.

De tal modo, ao visualizar o Quadro 2, percebe-se que Gestão de unidades de informação é uma área complexa, e seu campo disciplinar é coeso, uma vez que todas as bases que orbitam a ‘harmonia funcional e estrutural’ de uma unidade de informação exercem uma força gravitacional basilar para manter esse *status*.

O destaque para cada dimensão é feito através de um elemento demarcado, mas isso não quer dizer que esse elemento não contempla outras dimensões, como, por exemplo, as TIC que é um elemento da Gestão de dados e de informação também contempla a Gestão do conhecimento, como também marca a dimensão Gestão de tecnologia e materiais.

Os 'fluxos formais de informação' da Gestão da informação (Quadro 2), 'marketing e derivações' do *Design thinking* (Quadro 2), e 'fluxos de bits' da Gestão de dados (Quadro 2) versam sobre às estratégias de disseminação quanto aos melhores horários para divulgação os serviços e produtos da Gestão de unidades de informação, do mesmo modo a divulgação é um problema comum. A liga interdisciplinar é unificadora, pois há integração de aspectos teóricos, e especialmente, metodológicos para a eficiência e eficácia da divulgação em rede.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo infere que há dez dimensões holísticas-interdisciplinares recorrentes e que compõem o campo disciplinar da Gestão de unidades de informação, que é uma área do conhecimento basicamente *stricto sensu*.

Essas dimensões holísticas-interdisciplinares da Gestão de unidades de informação são: a Gestão da informação, a Gestão do conhecimento, a Gestão de dados, a Gestão de pessoas, a Gestão de recursos, a Gestão de tecnologias e materiais, Gestão de processos, o *Design thinking*; Diagnóstico e planejamento e a Gestão de projetos.

Nessa primeira etapa do estudo evidenciou-se a descrição das dimensões holísticas-interdisciplinares. O aprofundamento necessário para ampliar as discussões e buscar mais propriedades acerca de cada dimensão está em processo através de empreendimentos das forças epistêmicas.

Por hora, pode-se inferir que quando isoladas, essas dimensões holísticas-interdisciplinares se apresentam como campos de conhecimentos, alguns são abordagens, disciplinas, outras teorias ou até método.

Na Gestão de unidades de informação, essas dimensões se movimentam como variáveis independentes e intervenientes o que desenha esse fluxo holístico-interdisciplinar, respetivamente operando sozinha, mas ao mesmo tem refletindo uma sobre a outra, contribuindo para preenchimento de *gaps* argumentativas e práticas.

Porém, é importante esclarecer que as dimensões clássicas e contemporâneas, por exemplo a Gestão da informação e o conhecimento são mais marcantes, elas aparecem como estruturas clássica dos primeiros cursos e ainda se constituem como dimensões na atualidade, e esse fato ocorre por que elas atravessam todas as outras dimensões.

Quanto às dimensões atuais, destaca-se a Gestão de dados e o *Design thinking* que são dimensões forjadas pelas forças tecnológicas e cultural vigentes, especialmente, quando se foca a Plataformização que promove a força da Gestão de dados que integra cada vez mais o campo da Gestão de unidades de informação.

Isso ocorre porque as plataformas como infraestruturas reprogramáveis promovem e adaptam interações, especialmente personalizadas, a coleta sistemática, o processamento algorítmico, a monetização e circulação de dados. Assim, é imprescindível entender essas artimanhas técnicas da inteligência artificial e sua a soberania, por meio destes fenômenos citados a favor da Gestão de unidades de informação para as unidades de informação.

A Gestão de unidades de informação tem a inovação e a criatividade como filosofias bases que se complementam, muito marcantes no *Design thinking*, e que também são fortalecidas nas outras dimensões holísticas-interdisciplinares, como o *Marketing* e ao Empreendedorismo.

Assim, esses insumos epistêmicos demarcam o campo da Gestão de unidade de informação e promovem as diferenças entre um gestor e o administrador, pois a 'harmonia funcional e estrutural' das unidades de informação tem sua eficácia e eficiência nestas dimensões exercidas contidamente pelo gestor no âmbito da unidade de informação.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, P. A Hermenêutica na Ciência da Informação: da revisão de literatura ao esboço de uma metodologia. **Ibersid: revista de sistemas de información y documentación**, v. 16, p. 83-92, 2022. Disponível: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/205793>. Acesso em: 5 mar. 2023.
- BACHELARD, G. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. **Orçamento e Gestão. Secretaria de Gestão. Programa Nacional de Gestão Pública e Desburocratização - GesPública; Instrumento para Avaliação da Gestão Pública - 250 e 500 Pontos**; Brasília: MPOG, 2009. Disponível em: https://bibliotecadigital.economia.gov.br/bitstream/777/609/1/iagp_250_500_pontos_2010_0.pdf. Acesso em: 13 jan. 2024.
- BRASIL. Ministério do planejamento, orçamento e gestão. ENAP. **Etapas de Implementação do Plano de Gestão do Conhecimento (PGC)**; Brasília: Ministério do planejamento, orçamento e gestão, 2014. Disponível em: <https://repositorio.enap.gov.br/bitstream/1/1282/6/Apresenta%C3%A7%C3%A3o%20-%20F%C3%A1bio%20Batista%20-%20M%C3%B3dulo%204.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2024.
- CARLOS, J. G. **Interdisciplinaridade no Ensino Médio**: desafios e potencialidades, 2007. Dissertação. (Mestrado em Ensino de Ciências) – Programa de pós-graduação de ensino em ciência, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- CARVALHO, F. C. A. **Gestão do conhecimento**. São Paulo: Pearson, 2012.
- CHIAVENATO, I. **Teoria Geral da Administração**: abordagens prescritivas e normativas da administração. 6. ed. rev. e atual. v. 1. Rio de Janeiro: Campus, 2011.
- CHIAVENATO, I. **Gestão de pessoas**: o novo papel dos recursos humanos nas organizações. 4. ed. Barueri: Manole, 2014.
- CRESWELL, J. W.; CLARK, V. L. **Pesquisa de métodos mistos**. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.
- DIAS, E. J. W. A abordagem dos papéis gerenciais de Mintzberg e sua aplicação a bibliotecas e centros de informações. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 37-54, mar. 1985. Disponível em: <https://brapci.inf.br/#/v/71898>. Acesso em: 28 mar. 2024.
- DIAS, E. P. Conceitos de gestão e administração: uma revisão crítica. **Revista Eletrônica de Administração**, Franca, v. 1, n. 1, jul./dez. 2002. Disponível em: <http://periodicos.unifacef.com.br/index.php/rea/article/view/160>. Acesso em: 13 jan. 2024.
- DUARTE, E. N.; SILVA, A.K.A. **Gestão de unidades de informação**: teoria e prática. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2007.
- FAZIOLI, R. Mídias sociais em serviços de informação. In: SPUDEIT, D. KROEFF, M. S. (orgs.). **Gestão de unidades de informação**, São Paulo: FEBAB, 2017. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/1534>. Acesso em: 13 jan. 2024.

FRAINER, J. **Metodologia científica**. Indaial: Uniasselvi, 2020.

GARCÍA-REYES, C. J. Gestión de unidades de información. In: VERGUEIRO, W.; MIRANDA, A. C. D. (org.). **Administração de unidades de informação**. Rio Grande: Editora da FURG, 2007.

GARVIN, D. A. The processes of organization and management. **Sloan Management Review**, [s. l.], v. 39, n. 4, p. 33-50, Summer 1998.

HENRIQUES, A.; SAWITZKI, R.; WEBER, T.; GARAY, A. Gestão de pessoas: desvendando a caixa-preta em pleno voo. **Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**. v. 10, n. 2, p.254 -277, maio/ago. 2012. Disponível em: www.spell.org.br/documentos/download/8460. Acesso em: 25 set. 2015.

LENDIMUTH, J. C. Habitação social a partir de uma arquitetura dialógica. In: SALCEDO, R. F. B.; THORNBURG, J.M.; CARULLA, M. S.; ZARATE, M. (orgs.). **Explorando a dimensão dialógica da arquitetura e do urbanismo**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2022, v. 1, p. 79-94. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/367250241_Habitacao_social_a_partir_de_uma_arquitetura_dialogica_Social_housing_from_a_dialogic_architecture. Acesso em: 13 jan. 2024.

LUCION, C. E. R. Planejamento financeiro. **Revista Eletrônica de Contabilidade**, v.1, n.3, p.142-160, mar./maio 2005. Disponível em: <http://periodicos.ufsm.br/contabilidade/article/view/142/395>. Acesso em: 13 jan. 2024.

MALLOL, V. C.; BALLESTE, I. R. El derecho al acceso a la información de la infancia y la adolescencia. **Métodos de información (Espanha)**, v. 13, n. 24, 2022.

MASINI, E.F.S. Enfoque fenomenológico de pesquisa em educação In: FAZENDA, I. (org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MATTOS, M. C. C. M. **Organização, sistemas e métodos**. Indaial: Uniasselvi, 2019.

MENDES JÚNIOR, J. N.; FERREIRA, M. C. Análise compreensiva: Conceito e método. **Geografia**, Rio Claro, v. 35, n. 1, p. 21-35, jan./abr. 2010. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/4814>. Acesso em: 1 fev. 2020.

MINTZBERG, H. **The nature of managerial work**. New York, Harper & Row, 1973.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MOTTA, F. C. P.; VASCONCELOS, I. F. G. **Teoria geral da administração**. São Paulo: Pioneira, 2002.

NIEBORG, D.; POELL, T. **Platformization**. Revista Fronteiras - estudos midiáticos, Porto Alegre, v. 22 n. 1, jan./abr. 2020, Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2020.221.01> . Acesso em: 13 jan. 2024.

- NONAKA, I; TAKEUCHI, H. **Criação de Conhecimento na Empresa**. 12 ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- NONATO, R. S. **Gestão da informação e sistemas de gestão de segurança da informação: modelo para a garantia de disponibilidade em processos de contratação**, 2022. Tese (Doutorado em Gestão & Organização do Conhecimento) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, Belo Horizonte, 2022.
Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/45092/1/Nonato_tese.pdf. Acesso em: 13 jan. 2024.
- RAMIREZ, D. M. B.; ZANINELLI, T. B. O uso do design thinking como ferramenta no processo de inovação em bibliotecas. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 12, n. 2, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/45092/1/Nonato_tese.pdf. Acesso em: 13 jan. 2024.
- SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M.P. B. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.
- SANTANA, S. R.; MELO, M. L. D.; SOUZA, E. D. A sombra kitsch na Ciência da informação: concepções sobre a interdisciplinaridade identitária e epistêmica. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., Rio de Janeiro, 2021. **Anais [...]** Rio de Janeiro: UFRJ, 2021. Disponível em: <https://ancib.org/enancib/index.php/enancib/xxienancib/paper/viewFile/503/155>. Acesso em: 16 dez. 2023.
- SANTOS, B. R. P.; OTTONICAR, S. L. C.; DAMIAN, I. P. M. Perspectivas sobre o empreendedorismo informacional na Ciência da informação. **Informação@Profissões**, Londrina, v. 9, n. 2, p. 54-76, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/151039>. Acesso em: 20 dez. 2023.
- SARMENTO, E. C. D.; LIRA, M. R. O paradigma clássico e a emergência do holismo-interdisciplinar. **Educação Em Foco**, Juiz de Fora, v. 26. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/35781>. Acesso em: 13 jan. 2024.
- SCHULER, R. S. Strategic human resource management: linking the people with the strategic needs of the business. *In*: **Organizational Dynamics**, 1992.
- SILVA, E. M. Sou gestor de unidade de informação: e agora? Metodologias e ferramentas para dar suporte à gestão. *In*: SILVA, E. M. **Gestão de unidades de informação na atualidade**: Recife: UFPE, 2021. Disponível em: <https://editora.ufpe.br/books/catalog/download/737/748/2362?inline=1>. Acesso em: 20 dez. 2023.
- SILVEIRA, E.; FELDMAN, D.; SPUDEIT, D. Contabilidade para bibliotecários: noções de receitas, gastos e perdas às unidades de informação. *In*: SPUDEIT, D. KROEFF, M. S. (org.). **Gestão de unidades de informação**, São Paulo: FEBAB, 2017. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/1534>. Acesso em: 13 jan. 2024.
- SPUDEIT, D. FERENHOF, H. A aplicação do PMBOK® na gestão de projetos em unidades de informação. **Informação & Informação**, Londrina, 2017.
Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/21357>. Acesso em: 13 jan. 2024.

TARGINO, M. G; SANTANA, S. R; GARCIA, J. C. R; SOUZA, E. D. Do sujeito empático ao sujeito informacional: relações epistemológicas acerca da responsabilidade social na Ciência da Informação. **Rev. FSA**, Teresina, v.16, n.3, art. 14, p. 265-282, mai/jun. 2019.

Disponível em: <http://www4.unifsa.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/1807>. Acesso em: 13 jan. 2024.

TEIXEIRA, O. A. Interdisciplinaridade: problemas e desafios. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, n 1, jul., 2004. Disponível em:

<http://ojs.rbpg.capes.gov.br/index.php/rbpg/article/view/22>. Acesso em: 13 jan. 2024.